

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

(RAP)ENSANDO A RAÇA E O RACISMO: A FERIDA, A CHAGA, A PROCURA DA CURA DE UM VERDADEIRO DRAMA

Edson Linhares da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9758>

Submetido em: 2024-09-06

Postado em: 2024-09-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

(RAP)ENSANDO A RAÇA E O RACISMO: A FERIDA, A CHAGA, A PROCURA DA CURA DE UM VERDADEIRO DRAMA

AUTOR/A 1, Edson Linhares da Silva.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4165-5383>.

<linhares.edson@yahoo.com.br>

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

RESUMO: Neste trabalho, apresento algumas partes da minha dissertação defendida em 2023, onde analiso depoimentos produzidos e compartilhados durante as dinâmicas efetivadas no campo de pesquisa. Realizei observação participante no programa “Território Hip-Hop” da prefeitura de São Paulo – uma iniciativa de política pública conquistada pela militância da cultura Hip-Hop na cidade. Essa imersão permitiu compreender os desenvolvimentos e interações de jovens negros/as e periféricos/as participantes das atividades do programa. Utilizei trechos de rap de artistas como Baco Exu do Blues, Cristal e Djonga para a produção de dados. As músicas foram usadas como provocações, permitindo levantar questões e reflexões, mais do que apenas fornecer respostas definitivas. Organizei um experimento com dois grupos focais e realizei entrevistas semiestruturadas com alguns/as desses/as adolescentes, captando suas perspectivas e conhecimentos situados. Essa abordagem metodológica permitiu uma análise das experiências, das construções de identidades e posicionamentos dos/as jovens, contextualizando suas vivências no cotidiano. Durante a produção e análise dos dados, investiguei as vozes e conhecimentos desses jovens identificados com a cultura Hip-Hop. Busquei compreender os efeitos subjetivos das mensagens de negritude presentes no rap, que descrevem as realidades raciais no Brasil. Desse modo, analisei como essas mensagens influenciam trajetórias e perspectivas de vida, moldando identidades e identificações. As entrevistas e discussões revelaram o rap como uma poderosa ferramenta transformadora que estimula reflexões profundas e transcende a luta contra opressões, sendo um saber realizado pelo corpo e pela voz, representando múltiplas vivências.

Palavras-chave: RAP; RAÇA; RACISMO; CULTURA HIP-HOP; IDENTIDADE

(RE)THINKING RACE AND RACISM: THE WOUND, THE HURT, THE SEARCH FOR A CURE FROM A TRUE DRAMA

ABSTRACT: In this paper, I present some parts of my dissertation defended in 2023, where I analyze testimonies produced and shared during the dynamics carried out in the research field. I carried out participant observation in the “Território Hip-Hop” program of the city of São Paulo – a public policy initiative achieved by the activism of Hip-Hop culture in the city. This immersion allowed me to understand the dynamics and interactions of young black people and people from the outskirts of the city who participated in the program’s activities. I used rap excerpts from artists such as Baco Exu do Blues, Cristal and Djonga to produce data. The songs were used as provocations, allowing questions and reflections to be raised, rather than just providing definitive answers. I organized an experiment with two focus groups and conducted semi-structured interviews with some of these adolescents, capturing their perspectives and situated knowledge. This methodological approach allowed an analysis of the experiences, identity constructions and positioning of the young people, contextualizing their experiences in everyday life. During the production and analysis of the data, I investigated the

voices and knowledge of these young people who identify with Hip-Hop culture. I sought to understand the subjective effects of the messages of blackness present in rap, which describe racial realities in Brazil. In this way, I analyzed how these messages influence life trajectories and perspectives, shaping identities and identifications. The interviews and discussions revealed rap as a powerful transformative tool that stimulates deep reflections and transcends the fight against oppression, being a knowledge carried out by the body and voice, representing multiple experiences.

Keywords: RAP; RACE; RACISM; HIP-HOP CULTURE; IDENTITY

INTRODUÇÃO

Enquanto continuam na minha mira
Eles não sabem, mas é estratégia
Nóis fala de ambição, mas não se vende
Corrente não é um terço da minha meta (CRISTAL, 2020).

Neste texto, serão analisados alguns dos depoimentos e apontamentos compartilhados durante as dinâmicas (Observação Participante, Grupo Focal e Entrevistas) da minha pesquisa de mestrado com o objetivo de compreender, a partir e em um contexto social específico, como as noções de raça e racismo operam na sociedade brasileira, bem como seus efeitos subjetivos e materiais. Parto do pressuposto de que a raça é, sobretudo, uma construção histórico-política que exerce influência sobre a subjetividade, a consciência e o inconsciente por meio do processo de racialização¹ dos indivíduos.

Para entender o caminho percorrido na produção dos dados, utilizei como campo de estudo o 'Programa Território Hip-Hop', uma iniciativa promovida pela militância do movimento Hip-Hop de São Paulo e a sociedade civil junto à prefeitura da cidade. Em um primeiro momento, realizei observação participante, o que me permitiu vivenciar e compreender as dinâmicas e interações dos/as jovens negros/as e periféricos/as atuantes no programa. Posteriormente, conduzi um experimento envolvendo dois grupos focais e entrevistas semiestruturadas com alguns/mas desses/as adolescentes, captando perspectivas e conhecimentos situados onde as músicas surgiram como provocação.

Ao longo do texto, apresentarei partes adaptadas de um dos capítulos da minha dissertação com as canções utilizadas nas dinâmicas e os dados produzidos sobre raça e racismo que surgiram a partir delas.

¹ Construção social que ocorre em determinados contextos históricos, culturais ou políticos onde grupos de pessoas são categorizadas e classificadas com base em supostas diferenças biológicas, físicas, culturais e comportamentais. Esse processo é associado à discriminação e opressão, uma vez que a ideia de raça é usada para justificar a desigualdade e a hierarquização social.

Para fundamentar esses argumentos e compreender os dados resultantes das interações com os/as participantes da pesquisa, recorro a trechos de rap utilizados na produção de dados, além da contribuição de autores/as relevantes para essa construção. Em suma, essa abordagem permitirá levantar questões, mais do que encerrá-las.

Diante disso, apresento os/a rappers e as músicas que utilizei como referência para a produção dos dados e construção da pesquisa:

Tabela 1 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Baco Exu do Blues)

BACO EXU DO BLUES		
<u>Música</u>	<u>Álbum</u>	<u>Ano de lançamento</u>
Intro	Esú	2017
Bluesman	Bluesman	2018
BB King	Bluesman	2018
Kanye West da Bahia	Bluesman	2018
Sinto tanta raiva...	QVVJFA	2022

Fonte: autoria própria

Tabela 2 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Cristal)

CRISTAL		
<u>Música</u>	<u>Álbum</u>	<u>Ano de lançamento</u>
Rude Girl	Single	2019
Jóia Rara	Single	2020
Ambição	Single	2020
Alvo na Rua	Quartzo	2021
Lá em Casa	Quartzo	2021

Fonte: autoria própria

Tabela 3 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Djonga)

DJONGA		
<u>Música</u>	<u>Álbum</u>	<u>Ano de lançamento</u>
O mundo é nosso	Heresia	2017
Hat-Trick	Ladrão	2019
Tôbem	O Dono do Lugar	2022
Em quase tudo	O Dono do Lugar	2022
A cor púrpura	O Dono do Lugar	2022

Fonte: autoria própria

A relevância desta discussão se justifica pelo fato de o racismo atravessar diversas esferas da vida social e, portanto, o intuito será investigar, com base nos dados produzidos, casos de racismo antinegro no plano individual (relatados pelos/as interlocutores/as) e, articuladamente, examinar

como quatro elementos sociopolíticos fundamentais da estruturação social - Ideologia (abrangendo subjetividade e cultura), Estado/Nação (envolvendo a esfera política e as dinâmicas de poder), Direito e Economia - impactam a vida social coletiva das populações negras urbanas. Dessa forma, entendo que as estruturas do sistema colonial, como o racismo, continuam a permear e a reverberar na sociedade brasileira atual.

1. AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO: “TENTA VER E NÃO VÊ NADA. A NÃO SER UMA ESTRELA LONGE, MEIO OFUSCADA²”

Como se fosse a noite, cê vê tudo preto
Como fosse um blackout, cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas, meus irmãos, minhas irmãs... (yeah!)
O mundo é nosso! (hã)
Tipo à noite, cê vê tudo preto
Tipo um blackout, cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas... (yeah!)
O mundo é nosso (DJONGA; 2017)!

Dentre as diversas perguntas realizadas nas entrevistas, em uma delas a resposta e a reação de todos/as os/as participantes foram de modo semelhante: expressão incisiva e um riso sarcástico em seus rostos. Dando a entender que se tratava de algo muito óbvio. Provavelmente porque todos/as ali já sofreram, literalmente, na pele, aquele tipo de situação. Para uma melhor contextualização, a pergunta que gerou esse retorno foi se existe racismo no Brasil. Embora o questionamento seja simples em sua formulação, é de difícil compreensão devido aos vários significados que carrega e às situações complexas que afetam o funcionamento de nossa realidade, influenciando comportamentos e subjetividades.

Uma fala extraída do Grupo Focal demonstra bem o que abordaremos ao longo deste texto:

Eu lembrei de um caso né? O meu primo, ele ‘trampa’ num “bagulho” médico e ‘tals’ e ele chamou uns ‘parceiros’ para ir na casa dele pra jantar. Em um momento a namorada de um dos ‘manos’ no meio da conversa soltou casualmente assim:

-‘Caramba! Eu não sou de conversar com pessoas pretas, mas você é legal!

Na casa dele ela soltou isso! Ele ficou tipo: como a gente reage àquela situação?!³ Você está completamente com a ‘guarda baixa’, você está na sua casa com seus ‘parceiros’ e vem uma ‘bomba’ dessa! Você fica sem reação!

Às vezes a pessoa não percebe na hora e até ‘cair a ficha’ (PARTICIPANTE 2, 2022).

² Referência à música “Negro Drama” de Racionais MC’s (2002).

³ Muitas das falas e participações que foram redigidas no texto possuem expressões e dialetos que não necessariamente poderiam ser interpretadas como interrogação, exclamação ou apenas um ponto final. Por isso decidi manter as três pontuações juntas nessas ocasiões para que o/a leitor/a entenda como achar melhor. Outro detalhe é que ao combinar esses sinais diferentes e juntos, implica o aumento da carga emotiva do texto.

No depoimento apresentado, revela-se uma situação alarmante de violência decorrente do racismo, manifestando-se no âmbito mais íntimo e supostamente seguro: o lar. Esta situação evidencia a insidiosa natureza do racismo, capaz de emergir em ambientes inesperados e deixar as vítimas em estado de choque e incerteza quanto à resposta adequada.

O contexto torna-se particularmente perturbador e amplificado, pois o ataque brutal ocorre no próprio domicílio da vítima, um espaço geralmente associado a segurança, conforto e familiar, onde se espera uma proteção contra tal comportamento discriminatório. A declaração da namorada de um dos convidados revela uma forma cruel de preconceito racial, destacando a incongruência de um elogio ofensivo disfarçado de observação casual.

O sujeito expressa sua perplexidade e desorientação diante da situação. Nota-se a falta de preparo para lidar com essa ocorrência, considerando que estava em casa em um momento de descontração com amigos, um jantar, e ainda assim se viu confrontado com uma declaração ofensiva. A interrogação sobre como reagir é indicativa da sensação de desamparo e surpresa que muitas vítimas de racismo experimentam quando confrontadas com a discriminação em um contexto tão pessoal e inesperado. O estado de “guarda baixa” mencionado demonstra a vulnerabilidade que acompanha o racismo, emergindo em momentos imprevistos e deixando as vítimas despreparadas para lidar com suas consequências emocionais e psicológicas.

Este breve relato de uma história destaca a natureza intrusiva e devastadora do racismo, que não apenas permeia espaços públicos, mas invade lares familiares privados, desafiando as noções convencionais de segurança e expondo as vítimas a traumas emocionais e incertezas sobre como confrontar e processar tais incidentes.

Continuando nossa reflexão sobre as diversas manifestações do racismo, outro episódio impactante surgiu durante os diálogos feitos no mesmo Grupo Focal. Nessa participação, foram observadas diferentes facetas do racismo, conforme evidenciado abaixo:

Muita gente acha que o racismo é só você xingar uma pessoa de “macaco”, ‘tá ligado’?!
[...] a tonalidade da sua pele pode depender do tipo de racismo que você vai sofrer. O fato de eu ter sofrido poucos tipos de racismo a minha vida toda é o fato da minha pele ser mais clara. Amigos mais retintos já sofreram diversos enquadros policiais, isso é como a forma que a sociedade te enxerga. Se você é uma mina preta de pele clara, você já vai para um lugar de sexualização absurdo, você é a “morena”, é da cor de sei lá o quê! Se você é um cara preto retinto, você já vai para um lugar do cara perigoso, você já é da ‘quebrada’, você já é aquilo... (PARTICIPANTE 2, 2022).

Nessa participação, a fala destaca a percepção considerada pelos/as interlocutores/as como equivocada de muitas pessoas sobre o racismo, apontando que não se limita apenas a insultos diretos, como chamar alguém de “macaco”. No diálogo se enfatiza que a tonalidade da pele influencia o tipo de racismo que se pode vivenciar. Desse modo, ela ilustra essa ideia mencionando que, devido à sua pele mais clara, experimentou menos formas diretas de racismo ao longo da vida, contrastando com amigos de pele mais escura que enfrentaram situações discriminatórias mais evidentes, como as abordagens frequentes das forças de segurança do Estado.

No relato, evidencia-se que existem diferentes maneiras de como se percebe e estereotipa as pessoas com base na cor da pele. Além do mais, mulheres negras de pele clara são muitas vezes sexualizadas, enquanto homens negros de pele mais escura são frequentemente rotulados como perigosos e associados a marginais e bandidos. Tal realidade influencia o comportamento dos indivíduos, e as experiências de pessoas negras são constantemente marcadas por desafios e dificuldades ao longo de suas vidas.

De acordo com Lélia Gonzalez (1984; 2018), pessoas com pele mais clara podem encontrar mais oportunidades de ascensão social e enfrentar menos dificuldades do que pessoas com pele mais escura, mas isso não as isenta de sofrer racismo. Historicamente, pessoas de pele mais clara foram estigmatizadas de maneira diferente em relação às pessoas de pele retinta, especialmente no que diz respeito às mulheres pretas e às “mulatas”.

Essa situação contribuiu para a criação de uma estrutura social desigual em que algumas pessoas negras são pressionadas a seguir um padrão de comportamento baseado na referência branca/europeia/ocidental. No entanto, como aponta Gonzalez (2018), ainda existem associações, independentemente da cor da pele, em que as mulheres negras são frequentemente objetificadas e hipersexualizadas, enquanto os homens negros são associados à violência e à criminalidade, como evidenciado no diálogo apresentado do Grupo Focal.

Diante dessa configuração, a população negra é moldada por um padrão de comportamento para adquirir passabilidade⁴ (GINSBERG, 1996) na configuração sócio-histórica na qual se situa. Como expressado por Racionais MC's (2002) em sua música sobre a situação do chamado “Negro Drama”, esses indivíduos estão “entre o sucesso e a lama, dinheiro, problemas, invejas, luxo e fama”.

⁴Semelhante ao termo “passing” em inglês que significa a possibilidade de uma pessoa ser lida socialmente como membro de um grupo identitário diferente do seu pertencimento para obter vantagens sociais. Nesse caso, trata-se da capacidade de uma pessoa negra se passar por branca.

No entanto, seu objetivo é apenas minimizar as múltiplas formas de violência que podem enfrentar ao longo de suas vidas, muitas vezes se espelhando em seus agressores (FANON, 2008).

Na realidade social da população negra, o substantivo “negro” carrega consigo uma série de significados violentos. Como Baco Exu do Blues (2018) aponta no trecho abaixo, essa conjuntura coloca o sujeito negro em uma posição constante de suspeita, relegando-o ao limite da ordem social sem reconhecimento como indivíduo, pois sua identidade racial se apresenta antes de sua importância como pessoa.

Porque esses brancos amam chamar a polícia
Porque esses negros me olham com tanta malícia
Porque aprendemos a odiar os semelhantes
Sua inveja não me deixa ser o mesmo de antes
Se o sucesso te irrita, sou um cara irritante
Não me chame de preto bonito
Preto inteligente
Preto educado
Só de pessoa importante (BACO EXU DO BLUES, 2018).

A reflexão destaca ainda algumas tensões presentes nas relações raciais, como por exemplo a recorrente tendência de pessoas brancas sempre chamarem a polícia para indivíduos negros, reforçando estereótipos e discriminação racial que resultam em frequentes abordagens policiais enfrentadas diariamente por essa população, sempre colocada sob suspeita. Além disso, percebe-se a manifestação de desconfiança mútua entre membros da própria comunidade negra, muitas vezes refletida em olhares marcados por uma complexidade de sentimentos estabelecidos pelo racismo, o qual impede essa população de ocupar determinados espaços sociais, causando inclusive, uma certa hostilidade entre os semelhantes.

Conforme Grada Kilomba (2019) descreve, o racismo opera como um mecanismo de controle sobre os corpos, com base em três características fundamentais na organização social: a construção de/da diferença; diferenças ligadas a valores hierárquicos e, por último, o que se manifesta a partir de ambos, o poder. Nesse sentido, a noção de superioridade racial, estabelecida a partir de uma perspectiva europeia que estigmatiza os sujeitos negros, serve de sustentação para a dominação e destruição de outras organizações sociais. Em uma sociedade racializada, o encontro com o ‘outro’ é

marcado por tensões, e tudo se torna uma afirmação da branquitude⁵ (SCHUCMAN, 2012; BENTO, 2022), que estabelece as normas e cria uma zona de exclusão. Isso resulta em uma realidade caracterizada pela violência, segregação e hierarquização, como demonstrado por Baco Exu do Blues (2018).

A experiência destacada nas falas do Grupo Focal nos apresenta a dimensão de como essa organização se dá no cotidiano ao constatar que:

Parece que é um jogo, a gente tem na nossa cabeça tudo o que a gente é, e aí o topo dessa cadeia deveria ser, tipo:
Eu sou um ser humano, 'tá ligado?!
Mas as pessoas, elas fazem o que:
Eu sou o branco, eu sou o rico, eu sou o favelado...
É um 'bagulho' muito loco que mexe muito com o psicológico (PARTICIPANTE 5, 2022).

Para compreendermos melhor como essa condição se efetiva, o conceito de raça frequentemente é abordado como uma categoria biológica, sendo que a análise geralmente recai sobre características fenotípicas, como cor da pele, formato dos olhos e cabelo. No entanto, é importante ressaltar que, do ponto de vista biológico, não há fundamentação científica que justifique a hierarquização de pessoas com base nessas particularidades. Não é possível afirmar cientificamente que existem diferenças biológicas que tornam um grupo racial superior ou inferior a outro, conforme aponta Kabengele Munanga (2003).

Na verdade, a ideia de raça, como construção histórico-política que se originou por volta do século XVI, foi parte da imposição da modernidade⁶, e se manifesta através das relações sociais (MUNANGA, 2003). Atualmente, ela tem implicações significativas na produção e perpetuação de desigualdades, vulnerabilidade à morte e exposição à violência das pessoas racializadas.

Silvio Almeida (2021) contribui para essa perspectiva, sintetizando a noção de raça através da análise do racismo. Segundo o autor, o racismo não se limita apenas ao ato isolado, mas sim a um conjunto de acontecimentos que dão origem a um processo complexo de ações, resultando na criação do elemento raça. Em outras palavras, o racismo desempenha um papel fundamental na formação da

⁵ Trata-se de um lugar de privilégio e de pertença racial que possui vantagem nas sociedades estruturadas pelo processo de colonização e, conseqüentemente, pelo racismo através da ideia de raça. O branco torna-se a norma, o padrão da humanidade e como conseqüência, estuda-se apenas o negro ou o indígena.

⁶ Período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica estabelecida no mundo e cujo ponto de origem é a Europa. Faz-se referência à ordem política, à organização das nações, à forma econômica que foram adotadas nessa época, entre inúmeras outras particularidades, dentre elas a colonialidade que é constitutiva dela. Conforme explica Walter Mignolo (2005), não existe modernidade sem colonialidade e vice-versa.

raça, sendo uma construção utilizada para categorizar e dar significado à vida dos indivíduos em um contexto social e histórico específico, no qual o mecanismo de classificação de grupos sociais começou a fazer sentido no desenvolvimento de uma nova configuração global.

Ao procurar identificar as origens do racismo, Almeida (2021, p. 25) nos demonstra que,

[...] as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça. A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana.

Constata-se que as circunstâncias históricas influenciaram a compreensão da diversidade humana na época, resultando em percepções e hierarquias raciais que ecoam até os dias de hoje. Nessa perspectiva, destaca-se na observação abaixo feita durante o Grupo Focal a compreensão da influência da formação social histórica do Brasil na criação de uma lógica funcional e comportamental. Isso decorre diretamente das ações desse período histórico. Nota-se que o racismo transcende a mera prática de indivíduos adotando atitudes particulares; trata-se, igualmente, de uma estrutura que opera sistemicamente, permeando as relações sociais e constituindo-se como elemento fundamental nelas.

Desde quando foi abolida a escravidão, a gente é sempre atentado a excluir o povo negro, 'tá ligado'?!. Uns anos antes de abolir a escravidão, os 'caras' pegaram uma lei lá que 'nego' não pode ter terreno e não pode ter propriedade⁷, 'tá ligado'?!. Então é tudo pensado pra excluir cada vez mais e a gente tenta lutar contra isso! Mas é 'foda' porque os 'caras' tem um poder maior aí. É um jogo estrategista muito 'foda'. A gente foi jogado aí pros morros, pras favelas e foi onde se juntou o povo negro, o povo pobre. Mas também pereceu né? Por falta de estrutura, doença... É o jogo deles, do sistema, de quem tem mais grana e é privilegiado pela sua organização (PARTICIPANTE 6, 2022).

O diálogo destaca a existência de um jogo sistemático, no qual aqueles com mais recursos financeiros e privilégios exercem seu poder de maneira estratégica para não perderem suas regalias. Consequentemente, essas atitudes se refletem na perpetuação de condições desfavoráveis enfrentadas pela comunidade negra, formando um ciclo complexo de ser quebrado. Isso representa um processo histórico em que o conceito de raça teve que se adaptar às mudanças nos elementos que o fundamentavam, incluindo transformações econômicas, políticas, culturais e jurídicas. Em vista disso, a raça passa a ter papel fundamental e sua classificação faz-se necessária para o funcionamento desse

⁷ A Lei de Terras de 1850 teve um papel crucial no cenário político brasileiro do séc. XIX, marcando a ascensão dos grandes proprietários de terras. A partir desse momento, o acesso à terra se tornou sinônimo de liberdade e autonomia. A Lei de Terras foi concebida em antecipação à possibilidade de uma possível abolição geral da escravidão, com o objetivo de manter os privilégios dos europeus e seus descendentes no acesso à terra, algo considerado fundamental na nova realidade social mundial (MOURA, 2020).

novo formato de organização da sociedade como parte das novas exigências da economia mundial (MOURA, 2020).

Portanto, para Clóvis Moura (2020), a razão principal para a persistência dessa realidade no Brasil reside na ausência de uma transição efetiva do sistema escravagista para o novo contexto social após a abolição. Sendo assim, muitos dos elementos simbólicos e materiais que existiam durante o período da escravidão foram incorporados à sociedade contemporânea, contribuindo para a formação de um capitalismo dependente que não necessitava de um mercado interno robusto para competir globalmente.

1.1. “Você quer o mundo pra você, enquanto eu quero algo pra mim⁸”: Problemas e consequências da raça e do racismo

Todo líder negro é morto, cê consegue entender?
Tenho recebido cartas falando:
“O próximo é você!”
“O próximo é você!”
“O próximo é você” (BACO EXU DO BLUES, 2018)!

É fundamental ressaltar que um dos principais elementos para a perpetuação do racismo reside na compreensão ideológica sobre a raça, que continua a se sustentar nas representações e imaginários coletivos (MUNANGA, 2003). Desse modo, a ideologia não se limita a ser apenas uma ideia, mas sim a um processo de construção de sentimentos e perspectivas que moldam a maneira como percebemos e entendemos o mundo. Como relatado no Grupo Focal:

Pra você ter uma noção, sabe qual foi a primeira coisa que o médico falou pra minha mãe quando eu nasci? Quando ele olhou a minha cor ele falou assim:
- Essa aí vai ser uma “Globeleza”!⁹
Você acredita que eu saí da “buceta” da minha mãe e a primeira coisa que falaram pra mim foi que eu seria uma ‘Globeleza’, ‘parça’? Você tem noção? Eu sofri racismo desde que meu olho nem tinha aberto ainda! Meu olho ainda estava grudado! [...]
Então tipo, ‘mano’, é muito ‘foda’, mas é real, as pessoas não se ligam, mas literalmente desde a hora que a gente nasce, às vezes até na hora que a gente morre sofremos com isso (PARTICIPANTE 1, 2022).

⁸ Referência a música Um dia de injúria de Amiri (2019).

⁹ Trata-se da exibição anual, durante o período do Carnaval, nas telas da maior emissora do país, a Rede Globo, de uma mulher negra dançando praticamente nua, com pinturas nas partes íntimas do corpo. Pesquisas indicam que essa personagem tende a reduzir a mulher negra a esse espaço social que perdurou durante muito tempo, justamente devido ao reforço midiático. Para mais detalhes ver: GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

Essa fala profundamente perturbadora demonstra a brutalidade da violência racial sobre a pessoa negra desde o momento de seu nascimento, quando ela é imediatamente transformada e estereotipada aos olhos da branquitude racista. O que percebemos nessa questão é a ideia de que a construção de estereótipos raciais se inicia praticamente quando o indivíduo é inserido no meio social, mesmo antes dele ter um mínimo de noção sobre si mesmo. Em outras palavras, devido a um atravessamento histórico na subjetividade acarretada por um processo de desumanização de longo prazo, a ideologia racista se faz presente na sociedade em geral e manifesta-se por meio de comentários preconceituosos e discriminatórios, sem o indivíduo ter consciência disso. Esse episódio reflete a ignorância e a insensibilidade daqueles/as que perpetuam tais ideias, além de destacar a extensão insidiosa do racismo na sociedade. Basicamente, como nos mostra Neusa Santos Souza (1990), uma pessoa não nasce negra, mas torna-se a partir do momento que sua existência faz parte do conjunto social.

Para complementar essa ideia, Frantz Fanon (2008) afirma que a ideologia racista é parte de um sistema mais amplo de opressão e dominação, que se constrói por meio da negação de humanidade da população negra. Assim, o depoimento acima sugere que o racismo faz parte de uma estrutura social profundamente enraizada e manifestada de diversas formas, desde o insulto explícito até o preconceito velado, afetando todas as esferas da vida daquele sujeito a partir de seu nascimento até a sua morte.

Além disso, a referência à ‘Globeleza’, representa uma visão sexualizada da mulher negra, demonstrando a maneira como a figura da ‘mulata’ é idealizada como símbolo da miscigenação racial no Brasil, sendo retratada como uma mulher exuberante, sedutora e sexualmente disponível (GONZALEZ, 1984).

Tal situação faz lembrar Racionais MC’s (2002) ao dizer em uma de suas músicas: “perseguido eu já nasci”. Em razão disso, observamos que a raça e a cultura nessa perspectiva são elementos centrais que precisam ser utilizados para refletir as questões dos tempos atuais. Justamente como Fanon (2021, p. 70-71) aponta: “estudar as relações entre o racismo e a cultura é questionar sua ação recíproca”, assim como, “é preciso buscar, no nível da cultura, as consequências desse racismo”.

Desse ponto de vista, destacamos uma das respostas do participante Kereseth em nossa entrevista ao relatar situações em que se deparou com esse tipo de situação: “Eu já ouvi muita piada do tipo: Tinha que ser “preto”! [...] de primos meus, que são “pretos” também, inclusive!”, e de um outro depoimento abordado no Grupo Focal: “Eu lembro quando fui pra escola com cinco anos de

idade e [...] já fui chamado de ‘macaco’, eu tinha cinco anos de idade! Cinco anos! ‘Tá ligado’ ” (PARTICIPANTE 1, 2022)?!

Evidenciamos nesses trechos como a cultura torna-se um elemento fundamental para reproduzir o racismo, e é através dela que ocorre a naturalização da discriminação nas práticas e no pensamento social. Constata-se nos relatos que o racismo não se manifesta apenas em atos explícitos, como ofensas verbais ou agressões físicas, mas também em piadas, comentários e atitudes sutis que denotam preconceito e discriminação. Essas situações são extremamente dolorosas e impactam negativamente na vida e na saúde mental das pessoas negras.

Resumindo, o que observamos nesses depoimentos, produzidos tanto nos Grupos Focais quanto nas entrevistas, é que a raça desempenha um papel fundamental em relação à ideologia e à cultura em nossa sociedade. Esses elementos consolidam as relações sociais no Brasil que, ao longo da história, foram diretamente influenciadas por um sistema que escravizou seres humanos por mais de três séculos. Consequentemente, como afirma Fanon (2021, p. 79), a realidade de um país colonial é ser espontaneamente racista, isto é, “numa cultura com racismo, o racista é, portanto, normal. Nele, a adequação às relações econômicas e à ideologia é perfeita”.

Ao questionarmos no Grupo Focal sobre situações de racismo que os/as participantes poderiam ter presenciado, os depoimentos mais comuns estavam relacionados às abordagens policiais, que frequentemente são violentas, como afirmado nas declarações a seguir:

Tem vários fatos de abordagens policiais, se for pra falar sobre isso será uma palestra só sobre esse assunto hein! (risos)
 [...] o único que tinha um cabelo no estilo *black power*¹⁰ sempre foi motivo de enquadro e de chacota do tipo:
 - O que você tem aí dentro desse seu cabelo? Ah! Está escondendo alguma coisa no cabelo? Você não tem vergonha de sair assim na rua? Por que você não corta esse cabelo? É de verdade?
 Nesses ‘enquadros’, digamos assim, nunca era muito amigável! Eles aproveitavam essa brecha, para além de abordar de forma violenta, fazer piadinha. Então, aquilo era difícil, porque não podia ‘abrir a boca’ para falar nada né? E se abrisse tomava logo um ‘tapão’! Difícil né (PARTICIPANTE 4, 2022)?!
 Já passei por situação em que a polícia só parou e enquadrou as pessoas pretas do ‘bonde’, o pessoal branco passou de boa e foi embora (PARTICIPANTE 2, 2022).

¹⁰ O movimento “Black Power”, surgido nos Estados Unidos na década de 1960 como parte da luta pelos direitos civis da população negra, foi marcado pela promoção do orgulho racial, autoestima e igualdade. Para mais informações ver: CARMICHAEL, Stokely. *Stokely Fala. Do Poder Preto ao Pan-Africanismo*. São Paulo: Diáspora Africana, 2017; MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel. *Raça, classe e revolução: a luta pelo poder popular nos Estados Unidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

Sobre a situação posta nesses relatos, Racionais MC's (1990) nos evidencia que os “racistas otários” frequentemente abordam os negros “com toda autoridade o preconceito eterno, e de repente o nosso espaço se transforma num verdadeiro inferno e reclamar direitos de que forma? Se somos meros cidadãos e eles o sistema. E a nossa desinformação é o maior problema” (RACIONAIS MC's, 1990).

Dados recentes¹¹ indicam que a cada quatro horas, uma pessoa negra é morta pelas forças de segurança do Estado no Brasil, perpetuando o chamado genocídio da população negra, em que as vítimas são predominantemente jovens negros do sexo masculino. Pelo quarto ano consecutivo, o monitoramento revela que a população negra continua sendo a principal vítima dessa violência policial. No entanto, essas estatísticas alarmantes já eram denunciadas pelo rap há mais de uma década, como evidenciado na introdução da música “Capítulo 4, Versículo 3” do Racionais MC's (1997), em que Primo Preto declara:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial!
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras!
[...]
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo! Aqui quem fala é Primo Preto mais um sobrevivente!

Os dados destacam que uma das principais causas de mortes entre a população negra ocorre em decorrência das abordagens policiais, concentrando-se principalmente na juventude do sexo masculino nas periferias do país. O último relatório produzido pela Rede de Observatórios da Segurança (2023) revela que, com frequência, essas ações policiais fundamentam-se unicamente na aparência das pessoas, sem qualquer suspeita concreta de crime.

Nos depoimentos compartilhados acima, fica evidente que a violência policial contra pessoas negras engloba não apenas abusos físicos, mas também psicológicos. Um dos exemplos mencionados na fala anterior foi a prática de uma “revista vexatória”, revelando como os indivíduos são submetidos a humilhações e constrangimentos com base em seu fenótipo¹². Além disso, é comum ver nos noticiários o uso excessivo da força, a falta de transparência e também da impunidade dos agentes policiais pegos em flagrante cometendo ações criminosas. Problemas que ocorrem com frequência.

¹¹ Mais informações em: “Rede de Observatórios revela que a cada quatro horas uma pessoa negra foi morta pela polícia em 2022”. Disponível em: https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/11/RELATORIO_REDE-DE-OBS_PELE-ALVO3_final.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

¹² Relacionado as características físicas que podem incluir a cor da pele, estrutura capilar, formato dos olhos, nariz, lábios, entre outros traços físicos. Em outras palavras, trata-se de características físicas observáveis.

Nesse contexto de abuso e violência, os versos de Sabotage (2000) continuam a ecoar como um grito de denúncia nos dias atuais:

Ferve, Pisca e ‘clack’, enlouquece, ‘breck’
Só de arma pesada, inferno em massa
Vem violentando a minha ‘quebrada’, basta!
Eu registrei, vim cobrar, sangue bom
Boa ideia quem tem, não vai tirar a ninguém (SABOTAGE, 2000)

Diante dessa realidade, é importante lembrar que a Constituição Federal brasileira garante a igualdade de todos perante a lei, independentemente de raça, cor, origem étnica ou sexo. Inclusive, o Brasil é signatário de diversos tratados internacionais de “Direitos Humanos” que estabelecem a proteção da vida e da integridade física de todas as pessoas em seu território¹³. No entanto, na prática, a realidade é bastante diferente, exatamente como nos lembra Racionais MC’s (1990), “infalível na teoria, inútil no dia a dia”.

De acordo com Almeida (2021, p. 21), essa situação ocorre porque,

[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. [...] as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.

Portanto, não existe racismo sem o Estado, pois é por meio dele que o racismo é produzido e perpetuado como um processo de construção racial. Essa concepção de Nação/Estado baseia-se na formação do capitalismo, onde predomina a ideia de uma sociedade individualizada composta por uma estrutura de poder fundamentada na raça. Essa composição busca estabelecer hierarquias na sociedade, que se mantêm legítimas, independentemente de quem esteja no controle administrativo, seja uma pessoa racializada ou não (OLIVEIRA, 2021).

Dessa forma, a cultura Hip-Hop e seu gênero musical se tornaram uma das alternativas criadas por adolescentes moradores das periferias das grandes metrópoles ao redor do mundo para lidar com a realidade em que vivem e sensibilizar seus iguais sobre os problemas que os cercam. Por exemplo, em relação às condições precárias de suas vidas ou ao racismo presente no cotidiano, que

¹³ Mais detalhes em: “Direitos Humanos atos internacionais e normas correlatas”. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508144/000992124.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2024.

frequentemente resulta em situações extremas, especialmente por meio das ações truculentas das forças de segurança do Estado, conforme destacado por Djonga (2022) no cenário brasileiro:

Uma pessoa me tocou sem eu querer,
Usava farda, foi um tapa na cara,
(É!) 15 anos depois e ainda não sei porque,
Tava eu e mó bondão tinha uma mão pra cada
Pra mim foi tipo acorda, isso aqui num é sua casa,
Foi tipo entende neguin, nem sua casa é sua casa,
Foi tipo entende bem ó você pra nós é coisa,
Vai tá sempre no erro e não importa a causa (DJONGA, 2022).

Nessa passagem, são demonstrados os reflexos da opressão racial, especialmente provocados pelas ações truculentas das forças de segurança do Estado. Esses atos evidenciam a falta de reconhecimento da humanidade das pessoas negras e resultam em abusos e violações dos direitos mais básicos dessa população. Essa realidade está em consonância com os depoimentos analisados sobre esse padrão de abordagem e os dados evidenciados pelo relatório da Rede de Observatórios da Segurança (2023). Diante dessas situações, o rap, ao denunciar a injustiça, destaca a necessidade de lutar por mudanças intensas na sociedade.

Tais episódios não se limitam aos procedimentos violentos das forças de segurança, mas também retratam uma situação histórica que remonta à colonização do país. Como relatado no depoimento abaixo produzido no Grupo Focal:

Nós continuamos vivendo os reflexos do Brasil colonial. E hoje não dá mais para “passar pano” pra isso, apesar da grande maioria da população consumir cultura negra todo dia, até mesmo como forma de lazer, não dá mais pra ficar impune o preconceito que se tem por trás, né?! [...] Conquistamos alguns direitos, impomos o respeito também, mas eles precisam ser efetivados na prática (PARTICIPANTE 4, 2022).

Esse comentário aponta para a continuidade das heranças do período colonial, destacando a transformação do racismo em um dispositivo de poder ao longo do tempo. Além disso, compreendemos que uma das maneiras de manter essa conservação ocorre através do campo do Direito, responsável por organizar as instituições sociais e frequentemente utilizado como parte de um amplo processo de reprodução social que mantém padrões recorrentes de opressão racial.

Ressalta-se também que, apesar da grande popularidade da cultura negra entre a população brasileira, o preconceito racial ainda persiste na sociedade. Essa referência à produção cultural sugere que a atuação dessa população é relevante e visível. No entanto, isso não significa que a igualdade

social tenha sido alcançada. Embora tenham ocorrido algumas conquistas de direitos nos últimos anos, é fundamental implementá-los na prática. Isto é, apesar de algumas mudanças sociais significativas nesse período, ainda há muito a ser feito para garantir a representação e a igualdade da população negra nos espaços de poder do Brasil. Portanto, a luta contra o racismo requer um engajamento contínuo, e ações concretas devem ser tomadas de imediato para que as leis não fiquem apenas no papel.

Em certa medida, constata-se um sistema de opressão baseado na aplicação das leis ou na dimensão econômica, política e até mesmo cultural, sempre controlado por pessoas brancas e direcionado às pessoas negras. Consequentemente, cria-se uma relação hierárquica bem definida ao longo do tempo (FEAGIN & ELIAS, 2013).

Portanto, percebemos como o processo de racialização dos povos se torna um critério hierárquico na classe trabalhadora dentro do sistema global capitalista. No depoimento realizado na entrevista de Helô Rodrigues sobre um episódio ocorrido no ambiente de trabalho, essa questão é demonstrada ao destacar como o racismo estabelece uma distinção entre os/as trabalhadores/as negros/as e brancos/as, sendo constructos histórico-sociais concretos que geram diferenças significativas.

Tem um emprego que eu tenho certeza que eu fui demitido por racismo. Eu fazia técnico de edificações e trabalhava como jovem aprendiz em um escritório de arquitetura e lá só tinham pessoas brancas. Esse meio da construção é um meio embranquecido, acho que naturalmente é uma bola de neve né? Das pessoas negras acessarem as universidades, de pessoas negras acessarem um bom estudo para acessarem a universidade, de pessoas negras acessarem a escola e permanecerem na escola, então assim (pausa), teve toda uma cadeia para eu acessar um espaço que não tinham pessoas negras e eu sentia que a minha presença incomodava muito. Eu tinha um 'cabelo black' gigante laranja fluorescente que chamava muita atenção e eu nunca fiz questão de esconder, garfava ele com secador e tudo mais, e eu aparecia lá nas reuniões com uns 'caras brancos' de olho azul e eu tenho certeza que foi por esse motivo porque não me deram motivo nenhum e eu sempre percebi que a minha presença incomodava.

Ao analisarmos o racismo em sua dimensão estrutural como um processo histórico-político, a fala de Helô Rodrigues amplia nossa percepção em relação à falta de acesso de pessoas negras à educação de qualidade, tornando-se um fator que contribui para a desigualdade. No depoimento, é enfatizada a ausência de diversidade em determinadas áreas profissionais, como bem evidencia Cida Bento (2022) em sua obra. Helô Rodrigues era a única funcionária negra em um ambiente composto inteiramente por pessoas brancas. Sua aparência diferente dos/as demais colegas de trabalho, gerava desconforto, o que pode ter contribuído para sua demissão sem uma justificativa adequada.

No início do texto, destacamos a necessidade de indivíduos negros se conformarem ao padrão branco através da ‘passabilidade’ (GINSBERG, 1996), como uma estratégia para mitigar as violências associadas a essa identidade. Um exemplo dessa condição foi compartilhado por Helô Rodrigues, ao expressar sua negritude, que se manifestava não apenas na cor da pele, mas também em seu cabelo “chamativo”. Em um ambiente de trabalho onde esse padrão não era comum, ela enfrentou consequências negativas que resultaram em sua demissão. Talvez, se tivesse tentado se adequar às normas da branquitude (SCHUCMAN, 2012; BENTO, 2022), como alisar o cabelo para se igualar minimamente aos seus colegas de trabalho - já que mudar o tom de sua pele não seria possível -, sua demissão poderia ter sido evitada.

Além disso, essa situação evidencia o papel fundamental da raça no sistema capitalista, onde opera uma lógica de reprodução social que impõe imensos esforços às pessoas negras para romper as barreiras que lhes são impostas, especialmente nos espaços normalmente “reservados” às pessoas brancas (BENTO, 2022). O caso de Helô Rodrigues evidencia essa dinâmica, na qual ela planejou cuidadosamente sua trajetória para conseguir um determinado objetivo. No entanto, quando ele foi alcançado e sua presença passou a ocupar aquele espaço, ela foi mal recebida e prontamente excluída. Essa realidade revela como o racismo permeia diversos setores da sociedade brasileira, principalmente o mercado de trabalho em áreas mais específicas.

Nessa perspectiva, Dennis de Oliveira (2021) nos ajuda a compreender esse fenômeno ao estabelecer uma reflexão fundamentada na questão racial. O processo de classificação, que teve início no contexto colonial e estratifica a classe trabalhadora, resulta em diferenças significativas em termos de reconhecimento e de exploração, provocando fragmentações no interior dela.

Para Oliveira (2021, p. 54),

[...] não existe essa contraposição entre raça e classe ou ainda que essas duas categorias são tão antitéticas que só podem ser vistas a partir de uma justaposição interseccional. O homem negro, a mulher negra de que se fala se constitui a partir de atravessamentos relacionais construídos na ordem social capitalista.

A partir dessa análise, destacamos a inversão no debate, afirmando que é a raça que gera fissuras dentro da classe trabalhadora, e não o contrário. As categorias de classe e raça estão intrinsecamente conectadas na construção das relações sociais e da subjetividade dos indivíduos. Por isso, é fundamental considerar a intersecção desses dois conjuntos para uma análise abrangente da realidade social. Essa abordagem nos permite compreender o papel da raça como elemento analítico para entender como as desigualdades se entrelaçam e se reproduzem, afetando a vida e a subjetividade

das pessoas negras. Em outras palavras, a partir da classificação racial, estabeleceu-se uma divisão do trabalho que privilegiou os europeus e seus descendentes, enquanto os povos colonizados foram relegados a uma posição de subalternidade.

Pessoas negras, como Helô Rodrigues, frequentemente enfrentam obstáculos para acessar determinadas áreas profissionais e/ou oportunidades mais justas de desenvolvimento profissional, o que pode resultar em exclusão econômica e social, conforme evidenciado por Bento (2022). Desse modo, o capitalismo se globaliza como uma construção que não é pré-definida, e é nesse contexto que se compreende o papel do colonialismo ao estabelecer a raça como uma categoria mental da modernidade, que serve para regularizar as relações de trabalho e legitimar a exploração.

Portanto, percebemos nesse debate, que o racismo permeia diversas dimensões da vida social, seja no âmbito psíquico, subjetivo, político, econômico, jurídico, na organização e divisão do trabalho e até mesmo no domínio da racionalidade, influenciando a forma como enxergamos, compreendemos e sentimos o mundo. Essa perspectiva é exemplificada quando Djonga (2022) expressa em uma de suas músicas a seguinte passagem: “Onde pra alguns deles têm portas, pra nós tem paredes. Só agora que eu entendi o porquê do estrutural”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o debate centrou-se na questão da raça e do racismo antinegro, entendidos como processos histórico-políticos importantes para a construção atual sobre identidade na sociedade brasileira. Ao longo das análises, evidenciou-se que a noção de raça permeia as interações sociais, as dinâmicas de poder e as desigualdades que afetam os mais diversos campos da sociedade, como por exemplo educação, trabalho e justiça. Os dados produzidos no microuniverso social estudado reforçam a importância de compreender a raça como um eixo central nas relações sociais contemporâneas.

Ao usar letras de rap nas dinâmicas propostas, foi possível perceber como essa expressão cultural funciona tanto como um espelho crítico das condições sociais quanto como uma ferramenta de resistência e enfrentamento. Os depoimentos resultantes dessas atividades ofereceram um panorama palpável das experiências de opressão e luta, revelando o colonialismo como um elemento fundamental da organização mundial nos dias atuais.

Dessa forma, o racismo antinegro, como herança do colonialismo, continua a operar na manutenção de hierarquias sociais, invisibilizando a contribuição negra e promovendo a exclusão. O rap, em sua dimensão crítica e combativa, emergiu como uma potente forma de reivindicação de identidade e denúncia das desigualdades. O estudo sugere que é urgente aprofundar o debate sobre as formas de resistência e a centralidade da raça para dismantelar as formas de opressão, abrindo caminhos para uma sociedade mais equânime.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

AMIRI. **Um Dia de Injúria / Pantera Preta**. São Paulo: Atelier Studios SP: 2019. Streaming, Faixa 3 (9min45seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1gh_R5mW6L4&list=PLI0C5AoFoVA3bS_vDE3x-d8ihopYRsTaC&index=3. Acesso em: 05 set. 2024.

BACO EXU DO BLUES. **Intro (part. KL Jay)**. Salvador: Independente: 2017. CD, Faixa 1 (2min13seg).

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. Salvador: Selo EAEO Records: 2018. Streaming, Faixa 1 (2min53seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em: 04 set. 2024.

BACO EXU DO BLUES. **Kanye West da Bahia (part. DKVPZ e Bibi Caetano)**. Salvador: Selo EAEO Records: 2018. Streaming, Faixa 5 (4min10seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7wwEB2VTFZ4>. Acesso em: 04 set. 2024.

BACO EXU DO BLUES. **BB King**. Salvador: Selo EAEO Records: 2018. Streaming, Faixa 9 (3min19seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qYPZYyPYDeA>. Acesso em: 04 set. 2024.

BACO EXU DO BLUES. **Sinto Tanta Raiva....** São Paulo: 999 – Altafonte: 2022. Digital/Streaming, Faixa 1 (2min50seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4>. Acesso em: 04 set. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CRISTAL. **Rude Girl**. Porto Alegre: Independente: 2019. Digital/Streaming, (3min26seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2QOd8R_9ACM. Acesso em: 04 set. 2024.

CRISTAL. **Ambição**. Porto Alegre: Independente: 2020. Digital/Streaming, (3min43seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8VDwSvkKuQ>. Acesso em: 04 set. 2024.

CRISTAL. **Jóia Rara**. Porto Alegre: Independente: 2020. Digital/Streaming, (3min13seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qWvrTz_5bBY. Acesso em: 04 set. 2024.

CRISTAL. **Lá em casa**. Porto Alegre: Independente: 2021. Digital/Streaming, Faixa 5 (4min41seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-QC3jlniebA&list=PLoLEwYYxeEnOgKYOsd-02HHSd-osDZao&index=5>>. Acesso em: 04 set. 2024.

CRISTAL. **Alvo na Rua**. Porto Alegre: Independente: 2021. Digital/Streaming, Faixa 6 (3min28seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g7rSjPn0Vo&list=PLoLEwYYxeEnOgKYOsd-02HHSd-osDZao&index=6>>. Acesso em: 04 set. 2024.

DIREITOS HUMANOS: Atos internacionais e normas correlatas. **Senado Federal**. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508144/000992124.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2024.

DJONGA. **O mundo é nosso**. São Paulo: Ceia: 2017. Digital, Faixa 10 (3min20seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=00Aq3n8SIMU>>. Acesso em: 04 set. 2024.

DJONGA. **Hat-Trick**. São Paulo: Ceia: 2019. Digital/Streaming, Faixa 1 (4min29seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dGLAZ2izDiY>>. Acesso em: 04 set. 2024.

DJONGA. **Tôbem**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 1 (3min26seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hm_np5m_YM4>. Acesso em: 04 set. 2024.

DJONGA. **Em quase tudo**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 5 (3min23seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YrUKFGFlxBQ>>. Acesso em: 04 set. 2024.

DJONGA. **A cor púrpura**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 9 (3min20seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e4HSm90Jsg>>. Acesso em: 04 set. 2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: textos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FEAGIN, Joe; ELIAS, Sean. **Rethinking racial formation theory**: a systemic racism critique. *Ethnic and Racial Studies*, 36:6, 2013. p. 931-960.

GINSBERG, Elaine. **Passing and the Fictions of Identity**. North Carolina: Duke University Press Books, 1996.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.... São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. p. 34-53.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: CLACSO. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas, 2005. p. 33-49.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 3ª ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO (PENESB), 3. Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

RACIONAIS MC'S. **Racistas Otários**. São Paulo: Zimbabwe Records: 1990. Lado B, Faixa 2 (5min46seg).

RACIONAIS MC'S. **Capítulo 4, Versículo 3**. São Paulo: Cosa Nostra: 1997. CD, Faixa 3 (8min09seg).

RACIONAIS MC'S. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. CD1, Faixa 5 (6min53seg).

RACIONAIS MC'S. **Jesus Chorou**. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. CD2, Faixa 4 (7min52seg).

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Relatório**: Pele Alvo. A bala não erra o negro. Novembro, 2023. Disponível em: <https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/11/RELATORIO_REDE-DE-OBS_PELLE-ALVO3_final.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

SABOTAGE. **Um bom lugar (part. Black Alien)**. São Paulo: Cosa Nostra: 2000. CD, Faixa 3 (5min05seg).

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA., 1990.

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Lume UFRGS Repositório Digital e pode ser acessado em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/271986#>.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código 001.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: O autor participou de todas as etapas do trabalho.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O/a autor/a declara não haver conflitos de interesse.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Educador Popular e Militante do Movimento Negro de São Paulo (UNEafro - Quilombaque), Doutorando em Sociologia (PPGS - UFSCar), Mestre em Sociologia (PPGS - UFRGS) e Cotista Racial.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.